



ANO IX

Campinas — Terça-feira, 9 de Maio de 1978

N.º 2019

PODER EXECUTIVO

DECRETO N.º 5.392, DE 8 DE MAIO DE 1978.

Dá denominação a vias públicas do município de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA

Artigo 1.º — Ficam denominadas as vias públicas da Vila Castelo Branco:

I — "RUA TOMAZ ANTONIO GONZAGA" a Rua 13, com início na Rua Mário Sydow e término na Rua 9;

II — "RUA CLAUDIO MANUEL DA COSTA" a Rua 16, com início na Rua Monte Prato e término na Rua Camalote;

III — "RUA SILVA ALVARENGA" a Rua 17, com início na Rua Monte Prato e término na Rua Camalote;

IV — "RUA ALVARENGA PEIXOTO" a Rua 36, com início na Rua Monte Prato e término na Rua Camalote;

V — "RUA SANTA RITA DURA" a Rua 37 com início na Rua Pistóia e término na Rua D.

VI — "RUA BASILIO DA GAMA" a Rua 38, com início na Rua Ataulfo Alves e término na Rua Castel Nuovo.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal, 8 de Maio de 1978.

Dr. Francisco Amaral
Prefeito do Município de Campinas

Dr. Carlos Soares Júnior
Secretário dos Negócios Jurídicos

Eng.º Amândio Queiroz Telles Coelho
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 5.175, de 1.º de março de 1978, em nome de Odilon Nogueira de Matos e outros, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 8 de Maio de 1978.

Dr. Alfredo Maia Bonato
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA SILVA ALVARENGA

(Denominação dada pelo Decreto 5392, de 08-maio-1978 à Rua 17, da Vila Castelo Branco, com início na Rua Monte Prano e término na Rua Camaiore)



ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva, Biogr. Poeta brasileiro; n. em 1749, em Minas Gerais, em Vila Rica, atual Ouro Preto, ou em S. João del-Rei; m. no Rio de Janeiro, em 1-11-1814. Desde cedo, revelou talento para a Música; mestiço e muito pobre, viajou para o Rio de Janeiro a expensas de amigos da família, a fim de cursar o Colégio dos Jesuítas; seguiu depois para Portugal, ingressando na Universidade de Coimbra, em 1771; em 1772, por motivo da reforma dessa Universidade, escreveu uma poesia de saudação a Pombal, o que lhe granjeou a proteção do ministro; formou-se em cânones em 1776; passou algum tempo em Lisboa, onde foi íntimo de Basílio da Gama. Regressou ao Brasil em 1777, precedido pela fama de grande poeta, e estabeleceu-se no Rio de Janeiro como advogado; bem relacionado na capital do então vice-reino, privou com os vice-reis marquês de Lavradio e Luís de Vasconcelos, o qual o nomeou lente de Retórica. Fez parte da *Arcádia Ultramarina*, com o nome de Alcindo Palmireno; da Sociedade Científica e, depois, da Literária; em 1790, Luís de Vasconcelos e Sousa foi substituído pelo conde de Resende, que tomou medidas rigorosas contra os escritores da Capital, e chegou a dissolver a sua sociedade, alegando tratar-se de um clube revolucionário.

Alvarenga, que se tornara adepto das doutrinas da Revolução Francesa, criou, então, uma sociedade secreta de caráter político; foi denunciado, juntamente com os companheiros, por seu inimigo figadal, Frei Raimundo; preso com eles, em 1794, o poeta teve confiscados os bens, sendo pôsto a feros na Fortaleza da Conceição. No processo dirigido por Antônio Dinis da Cruz e Silva, autor de *Hissope*, levantou-se contra ele a acusação de conspirar, com o propósito de instaurar uma república no Brasil; passou quase três anos no cárcere, dele saindo alquebrado e doente.

Deixou versos satíricos e outros líricos e eróticos; escreveu odes, sonetos, idílios e canções, bem como os rondós e madrigais publicados, em 1801, na coletânea *Glaura*. Os críticos apontam o brasileirismo de Alvarenga; embora não tenha descrito o homem e sim a Natureza brasileira, evidencia-se o caráter nacionalista de sua obra, apesar da freqüente ocorrência de imagens da velha escola clássica; com a sua poesia íntima e pessoal, é considerado um precursor do romantismo no Brasil. Sua influência não se limitou à poesia; altamente instruído, foi, como professor, um fator de progresso, preparando muitos dos homens eminentes da época da Independência.

RUA SILVA ALVARENGA



SILVA ALVARENGA

Manuel Inácio da Silva Alvarenga nasceu em Vila Rica (Minas Gerais), no ano de 1749, e morreu no Rio de Janeiro, em 1814. Fez estudos em ambas as cidades e formou-se em Direito em Coimbra, em 1776. De volta, morou na capitania natal até 1782, e depois no Rio, ganhando prestígio como advogado e como professor de Retórica e Poética. Dos poetas arcádicos eminentes, foi o mais liberal, o que mais claramente manifestou as então chamadas "idéias francesas". Manifestou-as de maneira embrionária desde estudante, no poema O Desertor, de apoio à reforma pombalina da Universidade; depois, em mais de um poema didático, seja sob a forma puramente intelectual de amor ao progresso pela instrução, seja sob a forma velada de aspiração política. A essa antiga linha se prende a sua atuação de inspirador da Academia Científica, reorganizada sob o nome de Sociedade Literária a partir de 1786. Acusado, com os confrades e amigos, de idéias subversivas (isto é: contra a tirania intelectual do clero; pela Revolução Francesa; pelas teorias dos Enciclopedistas; pela autonomia ou, ao menos, maior dignidade política da Colônia), foram todos processados e, alguns, presos de 1794 a 1797, quando os perdoou a Rainha. Silva Alvarenga ainda pôde ver a nossa era inaugurada pela vinda da Família Real e colaborou no O Patriota, a mais importante das primeiras revistas brasileiras (1812-1813).

Além dos aspectos mencionados, a sua obra de cunho didático manifesta um vivo senso crítico. A "Epístola" transcrita adiante é um dos mais perfeitos compêndios da estética neoclássica em poesia. Mas o que permaneceu dele foi, sobretudo, a obra lírica, formada pelos rondós e madrigais do livro Glaura (1799). O rondó, sob a forma por que nele aparece, é invenção sua, baseada numa estrofe de esquema rítmico e rimico invariável, muito usada pelos arcades italianos; os madrigais se inspiram na poesia epigramática dos alexandrinos. Os primeiros, lidos em série, acabam por parecer bastante monótonos, ao contrário da límpida variedade dos segundos. Nuns e noutros, se manifesta aquela falsa, leve e ornada simplicidade, que se chamou recoco nas artes e em que Silva Alvarenga é um mestre consumado. Com efeito, a sua poesia lírica é elegante, graciosa, envolvida por uma musicalidade caprichosa e superficial, que transjunde a natureza numa visão encantadora. Natureza decorativa, fugindo em arabescos, onde se cruzam pombas e borboletas, onde o mar, o musgo, a areia, as flores e as matas constituem uma linda moldura carioca para os requintes arcádicos.

(Extraído de "Presença da Literatura Brasileira - I", de Antonio Candido e J. Aderaldo Castillo, 5a. edição, 1973, da Difusão Européia do Livro, São Paulo)